

Manchete

NCRS 3,00 • N.º 937 • SEPTEMBRO 4 DE ABRIL DE 1970

O PRIMEIRO OLÉ DA SELEÇÃO

CHICO CANTA NO RIO

**CARLOS
LACERDA
escreve
COMO É
A TELEVISÃO
BRASILEIRA**

em cores
**JERUSALÉM
CIDADE DE
DEUS**



Um jovem arqueólogo
escava a terra de Pernambuco buscando
revelar mistérios do passado

O NORDESTE DESENTERRA A SUA HISTÓRIA

Reportagem de Ricardo Noblat • Fotos de Carlos Weick



A importância da arqueologia na descoberta de dados sobre velhas civilizações já não é coisa nova. Novidade são as escavações em busca de dados históricos recentes. Por exemplo: dados sobre a História do Brasil-Colônia, distante de nós um grão de poeira no tempo, em relação à idade cronológica da humanidade. E escavações desse tipo têm dado grande contribuição ao esclarecimento de fatos ligados à História do Brasil-Colônia, graças ao trabalho de um pernambucano de 27 anos, Marcos Albuquerque, que mergulhou nas entranhas de sua terra em busca de história. E pretende mergulhar mais, em busca de uma civilização antiquíssima que — diz ele — existiu em Pernambuco.

O fôssô do Arraial do Bom Jesus (à esquerda) foi uma descoberta do arqueólogo Marcos Albuquerque, cujo trabalho redescobre a história.





Compartimento por compartimento, Marcos descobriu 16 dependências no Forte de Orange, Itamaracá.



A longa duração dos trabalhos obrigava arqueólogos e operários a acamparem em barracas, nas praias.



Esta visão de Orange dá uma idéia de

O Arraial do Bom



sua forma arquitetônica. Inicialmente construído em itaipa pelos holandeses, em 1631, êle foi, depois, reconstruído em pedra pelos portugueses.

Jesus foi o último foco de resistência ao invasor holandês

No momento, Marcos Albuquerque está na Europa aprofundando-se em sua especialidade graças a uma bolsa-de-estudos. Mas assim que voltar retomará suas pesquisas que já esclareceram vários pontos obscuros em torno da história do Arraial do Bom Jesus e, na ilha de Itamaracá, do Forte de Orange (holandês) e do local onde houve o primeiro contato entre o português e o índio, na região. Marcos trabalha nessas pesquisas sempre ao lado de sua noiva, Veleda, e com Penha, especialista em ecologia.

Os historiadores nunca chegaram a uma conclusão unânime em torno da existência de um fôssso no Arraial do Bom Jesus. Marcos o descobriu

O Arraial do Bom Jesus foi o último foco português de resistência ao holandês. Os historiadores que narram as batalhas nunca chegaram a um acordo em torno da existência de um fôssso, que teria servido de trincheira a portugueses e brasileiros nas lutas contra os holandeses no século XVII. Segundo alguns, ele teria existido, segundo outros, nunca. O objetivo de Marcos Albuquerque, trabalhando no Arraial do Bom Jesus, foi, desde o primeiro momento, encontrar o fôssso. À medida que as escavações aumentavam e se tornavam mais profundas, Marcos necessitava de mais gente para ajudá-lo. Por isso precisou contratar cinco operários para tirarem terra. E continuou seu trabalho. Até que encontrou alguma coisa parecida com uma parede. Cavando em sentido horizontal, percebeu que essa parede se estendia em linha reta e depois tinha uma inclinação. Em pouco tempo, constatou definitivamente a existência do fôssso do arraial. Tem quatro metros de profundidade e rodeava quase toda a fortificação. Na parede externa do fôssso, Marcos encontrou mais de 50 balas, lanças, sem dúvida, do morro da Conceição, de onde os holandeses atacavam. Encontrou também muitos pregos portugueses. Passou então a determinar os níveis de profundidade da ocupação. Num nível mais profundo, achou louça portuguesa, cachimbos de oficiais, medalhinhas e condecorações. Nesse mesmo nível, encontrou cerâmica indígena, confirmando a tese de um historiador segundo a qual os índios teriam ajudado os portugueses. No nível de ocupação holandesa, encontrou lanças, objetos de metal e lamparinas. O que tinha descoberto ali já era suficiente para modificar — ou pelo menos uniformizar — os livros de história quando abordam essa parte das lutas pernambucanas. Preferiu deixar para mais tarde escavações mais profundas e partiu para a ilha de Itamaracá, onde julgava ter muita coisa importante a descobrir, inicialmente no Forte de Orange.

Em um ano de trabalho no Forte de Orange, o arqueólogo pernambucano localizou e determinou todas as 16 dependências do edifício, desenterrou oito esqueletos dados como sendo de oficiais portugueses, e encontrou centenas de balas de canhão, cachimbos holandeses, medalhas e até vidros de perfumes franceses. Trabalharam sempre, ele, sua noiva Velede e Penha, na base do rádiozinho transmissor-receptor (*walk-talk*). Localizado qualquer novo objeto, Marcos era sempre chamado (pois os três trabalhavam muitas vezes em

posições bastante distantes) e todo o serviço parava, encostando o operário sua ferramenta para só continuar sob a orientação de Marcos. Quando não era o caso de apenas o próprio Marcos continuar a escavação.

Depois das pesquisas ecológicas, dirigidas por Penha, ficou-se sabendo que os portugueses alimentavam-se principalmente de ostras (há grandes depósitos antigos perto do forte), de peixes do mar e de pequenas lagoas próximas e de farinha de mandioca. As frutas mais consumidas eram o caju e a mangaba, fartas na redondeza. No laboratório do setor de Arqueologia da Divisão de Antropologia Tropical do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, todo o material recolhido por Marcos no Forte

de Orange está sendo examinado — e ele escreverá um trabalho a respeito. Apesar da importância do Forte de Orange, os historiadores falam nele muito de raspão. Quase não há nada escrito a respeito do forte, cuja historiografia só será enriquecida agora.

Ainda na ilha de Itamaracá, Marcos Albuquerque determinou, através de longa busca e recolhimento de objetos (depois catalogados, estudados e examinados em laboratório), o local exato onde conviveram pela primeira vez, estreitamente, índios e portugueses, na região de Pernambuco. Quando voltar da Europa, ele atacará três projetos: o Flamengo I, o Igaracu I e o Igaracu II, todos de alto interesse histórico.

SEGUE



No Forte de Orange é que se deu a descoberta deste valioso material arqueológico.



Na capela do Forte de Orange foram achados esqueletos de oficiais.



Precisamente neste local mar

cado por estas flechas indígenas é que o arqueólogo Marcos descobriu objetos que provam ter sido ali o primeiro contacto português-índio. Abaixo, Forte de Orange.



O QUE AINDA RESTA SABER

O problema da fundação do Recife

Surgiu o Recife como consequência da fundação de Olinda. A velha aldeia dos caetés não oferecia condições para atracamento dos navios. Não possuía porto adequado às necessidades da navegação. Em contraposição, ao seu lado, existia um ancoradouro natural que muito se prestava à finalidade almejada. Porto defendido por uma verdadeira amurada de recifes coralíneos, perfeita barreira protetora para abrigo das embarcações. Aparece, assim, o Recife como povoação organizada de modo natural, instintivamente, evolutivamente, pertencendo, desse modo, às chamadas cidades naturais da clássica caracterização dada pela Geografia Humana.

Têm aparecido tentativas de fixar datas de fundação do Recife. Mas sem base histórica conveniente. Ao trabalho histórico se pode aplicar o que da arte militar disse o vate lusitano:

"A disciplina militar prestante, Não se aprende, senhor, na fantasia."

Afirmou muito bem Trevelyan que "a história, prova a verdade ou falsidade dos fatos e não das opiniões" (*The Recreations of an Historian*, pág. 54).

Diz, com muita razão, José Honório Rodrigues, sobre essa questão um tanto bizantina de fixação de datas relacionadas com aspectos comemorativos: "As discussões sobre datas, com fins comemorativos, representam pouco para o conhecimento histórico e suscitam debates apaixonados, em que desaparece a crítica histórica" (*Teoria da História do Brasil*, 2.º vol., pág. 420).

É preciso que documentos, no futuro encontrados, venham, dentro da moderna metodologia histórica, usando-se as recentes técnicas de investigação e de crítica,

aclarar, de modo definitivo e indiscutível, o problema da fundação do Recife. Por enquanto estamos em pleno domínio da hipótese, sem nenhuma base documental. É o caso de repetir aquela advertência de Fernão Lopes: "Nem entendades que certificamos causa, salvo de muitos aprovada, e per escripturas vestidas de fé; doutra guisa, ante nos callariamos, que escrepver cousas fallssas" (*Crônica de D. João I*, vol. I, pág. 3).

O brado da república em 1710

Afirma-se que, no Senado da Câmara de Olinda, a 10 de novembro de 1710, no início da chamada guerra dos Mascates, o sargento-mor do térço dos Palmares, Bernardo Vieira de Melo, propôs, com apoio de algumas figuras expres-

sivas na vida rural da região, que se aproveitasse a ocasião, rompendo-se os laços com a metrópole e proclamando-se uma república nos moldes da de Veneza.

As opiniões se dividem: o Dr. Vicente Ferrer, *Guerra dos Mascates*, combate o brado, no que é seguido por vários estudiosos, dentre os quais o meu avô Francisco Soares Quintas, que chegou a escrever uma monografia a respeito, denominada *A Luta Pela Liberdade na Pátria Pernambucana*; do outro lado o Major José Domingues Co-deceira, *A Idéia Republicana no Brasil — Prioridade de Pernambuco*, tendo antes o Padre Dias Martins feito a apologia do episódio em seu *Os Mártires Pernambucanos Vítimas da Liberdade nas Duas Revoluções em 1710 e 1817*. Mário Melo, por sua vez, em *A Guerra dos Mascates Como Afirmação Nativista*, traz abundantes documentos sobre o assunto.

Há bastante material a atestar a tendência republicana na revolta de 1710. Basta vermos as *Atas do Conselho Ultramarino*, publicado na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano n.º 41 e referências significativas na obra de Manuel dos Santos, *Narração Histórica das Calamidades de Pernambuco Succedidas Desde o Ano de 1707 até o de 1715*, in Revista do Instituto Histórico Brasileiro, 53, parte II.

O problema, entretanto, perdura. Houve ou não o brado de Bernardo Vieira de Melo?

A solução estaria em encontrar-se a ata da sessão do Senado da Câmara de Olinda, do dia aprazado, infelizmente desaparecida, ou documento conclusivo que viesse atestar a veracidade do brado. Impõe-se aos historiadores esforço acurado visando à averiguação da verdade por intermédio de documentação irresponsável.

A pesquisa arqueológica complementa o estudo dos documentos escritos.



A ligação de Napoleão com a conspiração dos Suassuna

Nos fins do século XVIII tinha vindo para Pernambuco o ex-frade carmelita Manuel Arruda da Câmara, fundando em Itambé o célebre *Areópago*, sociedade secreta que congregava os jovens da região no sentido do estabelecimento da independência do país e de implantação da república. A fundação do Seminário de Olinda pelo Bispo Azeredo Coutinho, em 1800, vai também ajudar o plano, pois vários de seus professores eram homens integrados nas idéias novas, idéias vindas da Ilustração e difundidas pela Revolução Francesa. Três rapazes, os irmãos Suassuna, assim chamados por causa do engenho que possuíam, filiados ao *Areópago de Itambé*, chegaram a planejar um movimento de largo porte que contaria com o apoio de Napoleão Bonaparte, então 1.º cônsul a encher a Europa de republiquetas.

Um dos Suassuna foi para a Europa entrar em ligação com o corso, chamado em suas cartas de "o protetor".

Vários elementos da *intelligentsia* pernambucana da época participaram do plano, elementos geralmente oriundos da aristocracia rural. O volume 110 dos *Documentos Históricos* da Biblioteca Nacional reproduz a devassa organizada e por ele se vê o *status* social dos implicados. Houve delação às autoridades. Os dois Suassuna foram presos — escapando o terceiro por se achar no Velho Mundo — postos sob ferros, destituídos dos seus cargos e dos seus bens.

Comenta-se que no processo estabelecido houve sonegação de documentos, graças ao suborno de funcionários encarregados da devassa, chegando o Padre Dias Martins (*Os Mártires Pernambucanos*) a declarar "que rios de dinheiro correram pelas religiosas mãos de Frei José Laboreno tirando-se por fruto serem os acusados restituídos à liberdade". E acrescenta sobre os detalhes da conspiração, que "molas reais e secretas fizeram correr sobre eles cortinas impenetráveis".

Trata-se de um acontecimento histórico bastante brumoso pela escassez de documentação esclarecedora. Na recente viagem que fiz à França, a convite do Quai D'Orsay e do *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine*, por interferência de um dos seus mais ilustres membros, o Prof. Frédéric Mauro, para realizar pesquisas sobre as relações entre Pernambuco e Napoleão, aproveitando o ano comemorativo do bicentenário do corso, tive ocasião de consultar elementos documentais nos *Archives Nationales*, no *Quai D'Orsay Archives* e na *Bibliothèque Nationale*. E nêles encontrei material interessante que me irá servir para elaboração de um livro sobre o re-

SEGUE